



EM DEFESA DA “CIENTIFICIDADE” DO “CÓDIGO ORTOGRÁFICO” DA LÍNGUA PORTUGUESA

Reafirmando a minha posição epistemológica de fundo quanto à observância dos princípios e critérios de “cientificidade” que deveriam inspirar e nortear as posições institucionais de uma Academia que se denomina de “Academia das Ciências”, devo declarar que tudo continuarei a fazer para que aqueles princípios e critérios sejam rigorosamente respeitados.

Os princípios e critérios de “cientificidade”, pela sua universalidade lógico-epistémica, não se conformam com “remendos” a aplicar num *tecido caótico* (como é o texto do “AO de 1990”...), *enxameado de insanáveis incongruências de natureza científico-linguística*: exigem, pelo contrário, um tratamento holístico-sistémico, integrado e coerente, como já demonstrei sobejamente nos meus trabalhos apresentados no âmbito da própria Academia, trabalhos esses que, até hoje, ninguém ousou refutar, apesar do meu constante apelo ao exercício do contraditório crítico, com a apresentação de alternativas melhor fundamentadas...

Porque não há “*actividade escrita*” nem “*comunicação escrita*” fora das fronteiras “*grafémico-expressionais*” de um “*código ortográfico*”, este código, enquanto “*código manifestativo-modelador de todos os actos de comunicação escrita*” de modo algum pode ser objecto de “remendos casuísticos”, totalmente alheios a uma perspectiva científico-linguística do que seja uma “língua” (o mesmo é dizer: um “diassistema linguístico”) e da distinção qualitativa entre “*comunicação oral*” e “*comunicação escrita*”.

Sublinho o facto de ter apresentado nos múltiplos debates sobre a problemática da “*ortografia*” um “diagrama” que, com razoável clareza e coerência, explica e descreve (com as respectivas articulações estruturais e funcionais...) o que é uma “língua”, bem como inúmeros inventários e diagramas dedicados à “morfo-análise” lexicológica (*decomposição anatómica* dos fundamentais constituintes lexicais: “*prefixos ↔ raiz / radical ↔ sufixos*”; ex.: “*receptor*” → “*re ↔ cep ↔ tor*”), destacando sempre a incontornável importância da “raiz” das palavras na didáctica inteligente, porque racionalmente fundamentada, do vocabulário. Para o comprovar, basta um exemplo como o que a seguir se apresenta, entre centenas e centenas de outros.

Na verdade, como pode um Professor digno desse nome levar os seus alunos a relacionarem e a integrarem os agora assim grafados vocábulos ‘ato’, ‘ação’, ‘ata’, ‘ator’, ‘atriz’, ‘ativo/a’, ‘atual’, ‘atuar’, ‘coação’, ‘coator’, ‘reação’, ‘reator’, etc., etc., na mesma família genealógico-lexical do

Fernando Paulo Barbosa

verbo “agir” (proveniente, como sabemos, do latim *ago, -is, -ere, egi, actum*), verbo veiculador do significado matricial de «*pôr em movimento, integrado e direccionado, as capacidades corpóreo-mentais, com a sua produtividade e os respectivos efeitos*», significado este que é transversal a todos aqueles vocábulos ?...

E se estes mesmos vocábulos fossem grafados como deveriam ser, ou seja, mantendo o grafema «*c*» da sua matriz genealógica [*ac-t*]: ‘*acto*’, ‘*acção*’, ‘*acta*’, ‘*actor*’, ‘*actriz*’, ‘*activo/a*’, ‘*actual*’, ‘*actuar*’, ‘*coacção*’, ‘*coactor*’, ‘*reacção*’, ‘*reactor*’ ?...

E se esse mesmo Professor, para consolidar de modo coerente os seus actos didácticos, recorresse ao latim e, pelo menos, a algumas das mais importantes euro-línguas (ex.: Espanhol, Inglês, Francês, Alemão, Romeno...), **sublinhando a raiz/radical** dos vocábulos em causa (neste caso, o referido ***ac-t***) ?...

Exemplificação:

1. Latim: ago, agis, agere, egi, actum...

2. Português: *acção, accionar, accionista, acta, actante, activar, actividade, activismo, activista, activo, acto, actor, actriz, actuação, actual, actualidade, actualização, actualizar, actuar, coacção, coactivo, coactor, exacção, exactidão, exacto, exactor, inacção, inactividade, inactivo, reacção, reaccionário, reactivo, reactor, redacção, redactor, redactorial, retroacção, retroactividade, retroactivo, transacção, transaccional...*

3. Espanhol: *acción, accionar, accionista, acta, actante, activar, actividad, activismo, activista, activo, acto, actor, actriz, actuación, actual, actualidad, actualización, actualizar, actuar, coacción, coactivo, coactor, exacción, exactitud, exacto, exactor, inacción, inactividad, inactivo, reacción, reaccionario, reactivo, reactor, redacción, redactor, retroacción, retroactividad, retroactivo, transacción, transaccional...*

4. Inglês: *act, action, activate, active, activist, activity, actor, actress, actual, actuality, actualise / actualize, actually, actuate, coaction, coactive, coact, coactor, exact, exaction, inaction, inactive, inactivity, react, reaction, reactionary, reactivate, reactive, reactor, redact, redaction, reactive, reactor, retroact, retroaction, retroactive, retroactivity, retroactive, transact, transactor, transaction, transactional...*

5. Francês: *action, actionner, acte, acteur, actrice, actif, actionnaire, activer, activisme, activiste, activité, actuel, actuer, actualité, coaction, exact, exaction, exactitude, inaction, inactivité, inactif, réacteur, réactif, réaction, réactionnaire, réactiver, réactivité, rédaction, rédacteur, rétroaction, rétroactivité, rétroactif, transaction, transactionnel...*

6. Alemão: *Akt, Akte, Akten, Aktenmappe, Aktenordner, Aktenschrank, Aktenvermerk, Aktenzeichen, Akteur, Aktie, Aktienbörse, Aktion, Aktionär, Aktiv, Aktivator, Aktiven, Aktivieren, Aktivismus, Aktivist, Aktivität, Aktnnotiz, Aktualität, Aktuell, exakt, inaktiv, Inaktivität, Reaktion, reaktionär, Reaktor, Redakteur, Redaktion...*

7. Romeno: *act, acționa, acțiune, active, activarea, active, activitate, actor, actriță, actual, actualizare, exact, exactitatea, inacțiune, inactiv, inactivitate, reacție, reactor, redacțional, redactorul...*

Nota: como ressalta claramente aos nossos olhos, há, do ponto de vista grafémico, uma forte afinidade entre as seis euro-línguas referenciadas, com óbvio destaque para o **Espanhol** e para o próprio **Inglês**, também elas, duas línguas com forte implantação planetária.

Consequências da supressão dos grafemas matriciais da raiz, imposta pela aplicação do “AO de 1990”

1. Com a aplicação do regime ortográfico imposto pelo “AO de 1990” desapareceu a sinalização da **abertura do timbre** da vogal representada pelo grafema que precede imediatamente o grafema suprimido (exs: *aspecto > aspeto; espectador > espetador): anulação da sua função “**diacrítico-prosódica**” e geração de “**confusão semântica**”.*

Outros exemplos (entre centenas...): *afecto > afeto, afectuoso > afetoso, afectado > afetado, infecção > infeção, infeccioso > infecioso, infectado > infetado, arquitecto > arquiteto, conceptual > concetual, directo > direto, espectador > espetador, lectivo > letivo, objecto > objeto, respectivo > respetivo, selecta > seleta, sector > setor, tecto > teto...*

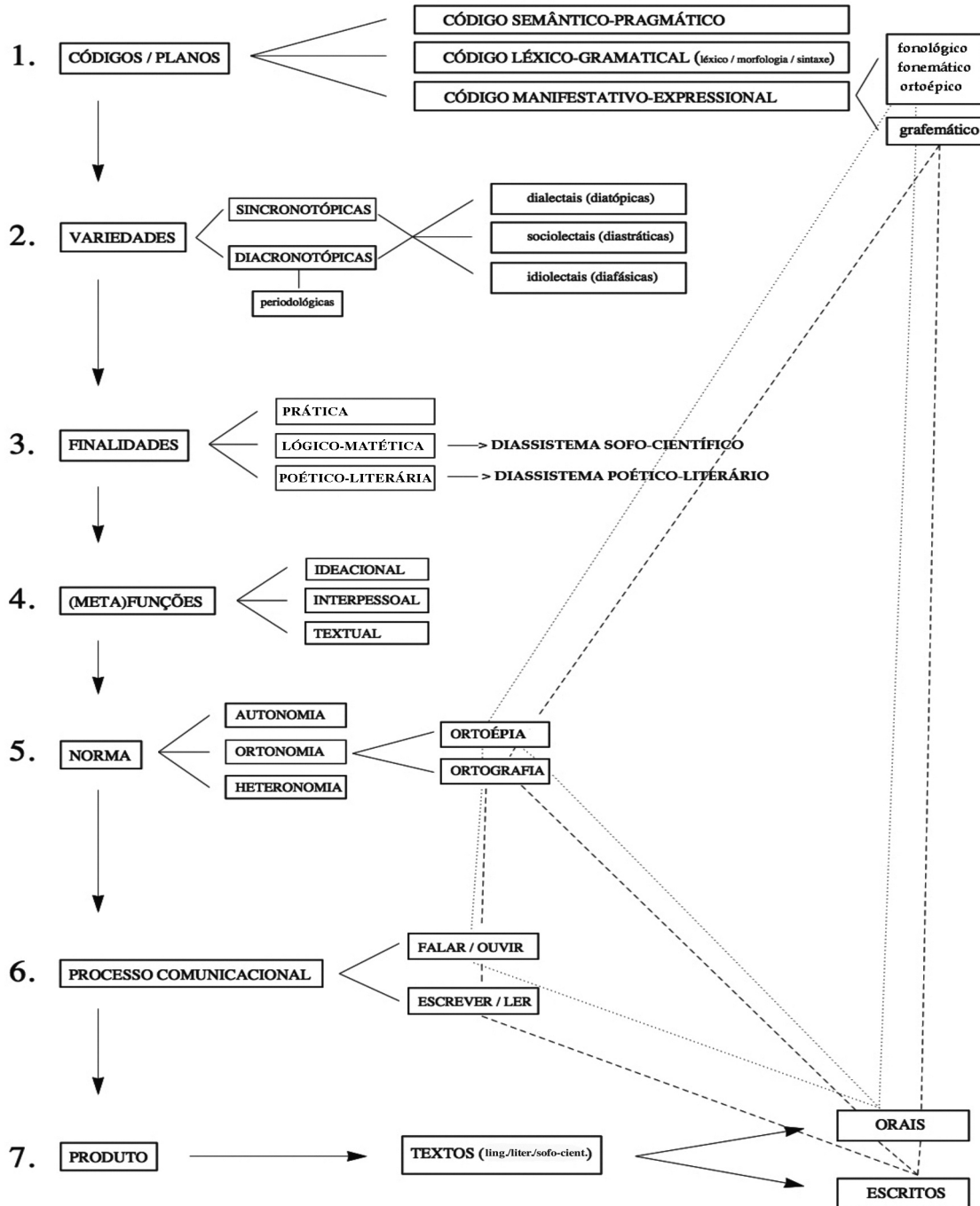
2. **Obstrução a uma didáctica inteligente do vocabulário**, racionalmente sustentada na análise morfémica, a partir da raiz das palavras (ver, adiante, vários diagramas exemplificativos)...

3. **Afastamento da língua portuguesa de euro-línguas** tão importantes como *o inglês, o espanhol, o francês, o alemão, o romeno...*

Sinto, pois, o dever académico de partilhar com todos os meus Concidadãos e Confrades, *respeitadores dos princípios e critérios de cientificidade e do inerente rigor conceptual*, o diagrama do “diassistema linguístico” (que a seguir se apresenta), acompanhado de outros diagramas exemplificativos da *arbitrária, anti-identitária e anti-pedagógico-didáctica* supressão de grafemas genealógico-matriciais, pertencentes à raiz (radical) dos lexemas afectados pela Base IV do “AO de 1990”.

Fernando Paulo Barbosa

Diagrama do diassistema linguístico



(reescrita da síntese diagramática apresentada no meu "Tributo à Madre Língua" (p. 94),
feita a partir das propostas teóricas de Eugenio Coseriu e de M.A.K. Halliday)

Franco de Paula Borba

NÃO CONFUNDIR O QUE É ONTICAMENTE INCONFUNDÍVEL !...

O “*modo oral*” (*falar e ouvir / escutar*) e o “*modo escrito*” (*escrever e ler / interpretar*) de comunicar através da língua são **ôntica e operatoricamente distintos e inconfundíveis**. É assim que **importa observar atentamente**, para melhor se poder notar essa distinção, os seguintes diagramas:

Os Dois Referenciais Hiléticos [“Materiais”]

da fundamentação e da sustentação
reguladora e normalizadora das configurações
“*fonémica*” e “*grafémica*”
das práticas verbais potenciadas pelo diassistema linguístico

o modo oral → *textos orais* ↔ o modo escrito → *textos escritos*
↓ (→ correlações convencionadas ←) ↓

Ortoépia / Ortofonia / Prosódia

Pronunciabilidade

fonemicidade → os fonemas
foneticidade / sonoridade →
os fones, os sons

falar ◊ ouvir / escutar

– Física Acústica Humana –

(patologias orgânico-funcionais:
Otorrinolaringologia, Pneumologia...)

Ortografia

Escrituralidade

grafemicidade → os grafemas
opticidade / manualidade →
os grafos, as letras, os sinais gráficos

escrever ◊ ler / interpretar

– Física Oftálmica + Manu-motricidade –

(dígito-tactilidade: Invisuais → Sistema Braille)

(patologias orgânico-funcionais:
Oftalmologia, Fisioterapia...)

as quatro (4) nucleares
funções do primeiro
dos dois grafemas das
sequências [ct / pt...] a
que se reporta a Base
IV do AO/90

1. reenviar, quando se pronuncia (ex.: apto), para o fonema do código fonemático que convencionalmente corresponde a esse grafema: à letra p corresponde o som consonântico bilabial surdo [p]...

2. sinalizar, mesmo que não se pronuncie, a abertura tímbrica da vogal representada pelo grafema que imediatamente o antecede, constituindo com ele um «dígrafo» (com uma função *diacrítica* análoga à dos conhecidos «dígrafos»: «ch», «lh», «nh»): «ac», «ec», «oc» // «ap», «ep», «op»; estes «dígrafos» equivalem a vogais abertas: «à», «â», «ò»: exs.: acta [à], factura [à],... directo [è], espectador [è]... nocturno, adoptivo [ò]... → vogais abertas)...

3. constituir o referencial de pressuposição genealógica do fenómeno evolutivo da vocalização [«c» > «i/u»]: actum > auto / aito; directum > direito; factum > feito; jactum > jeito; rector(em) > reitor...

4. remeter para a matriz genealógica que é constituída pela raiz do étimo do lexema e, no plano da didáctica do vocabulário, permitir a articulação morfo-semântica entre lexemas da mesma família lexical (correlação entre *lexicogénese* e *lexicodidáctica*)...

Ex: o vocábulo 'directo' provém do latim: 'di + rectum'.
A raiz reg- > rec- / rig- em que ele assenta está presente em palavras como direcção, direccionar, directiva, directriz, director, directório, indirecto..., transmitindo a todas elas o significado comum que lhes transversal de "*proceder, agir, dirigir, governar...*, segundo o rumo marcado pela linha *recta*, isto é, *sem andar às voltas e reviravoltas*"; todas estas palavras pertencem à mesma família lexical e pronunciam-se com o «è» aberto, tal como nos é sinalizado pelo grafema «c» que vem grafado imediatamente a seguir ao grafema «e» e imediatamente antes do grafema «t»); também está presente em lexemas como direito, endireitar, reitor, verificando-se, como se vê nestes exemplos, a vocalização do «c» em «i»...

Na era da intercomunicação escrita
à escala planetária, é importante comparar,
nomeadamente, com o Inglês, que é a “língua franca”
da mundialização do conhecimento...

Como exemplo de clarificadora *demonstração interlinguística e interlexical*, compare-se, *taco a taco*, a amostragem de vocábulos homólogos, alinhados em simetria, escritos em *Inglês* e em *Português* (neste último caso, com grafia anterior e também posterior a 1990): esses vocábulos são originários das seguintes matrizes verbais latinas:

ago... actum // apio... aptum // capio... captum // dico... dictum //
duco... ductum // facio... factum // frango... fractum // jacio... jactum //
pango... pactum // veho... vectum // lego... lectum // rego... rectum //
seco... sectum // specio... spectum // tango... tactum // tego... tectum //
traho... tractum // veho... vectum //...

Inglês

(preservação do «c» e do «p» genealógicos das sequências gráficas «ct» / «pt»):

act, activity, actual, actuality, adopt, adoption, affect, bisector, bisectrix, collection, collective, collector, contractor, didactic, direct, direction, director, Egypt, Egyptian, exact, except, factor, infect, infection, injection, injector, inspection, inspector, optic, optimism, protector, reactor, rectal, rectangular, rectify, redactor, respective, sector / trisector / trisectrix, spectacle, spectator, spectre, traction, tractor, vector, vectorial...

Português (antes de 1990)

(preservação do «c» e do «p» genealógicos das sequências gráficas «ct» / «pt»):

acto, actividade, actual, actualidade, adoptar, adopção, affecto, bisector, bissectriz, colecção, colectivo, colector, contractor, didáctico, directo, direcção, director, Egipto, egípcio, exacto, excepto, factor, infectar, infeccção, injeccção, injector, inspecção, inspector, óptico, optimismo, protector, reactor, rectal, rectangular, rectificar, redactor, respectivo, sector / trissector / trissectriz, espectáculo, espectador, espectro, tracção, tractor, vector, vectorial...

Inglês

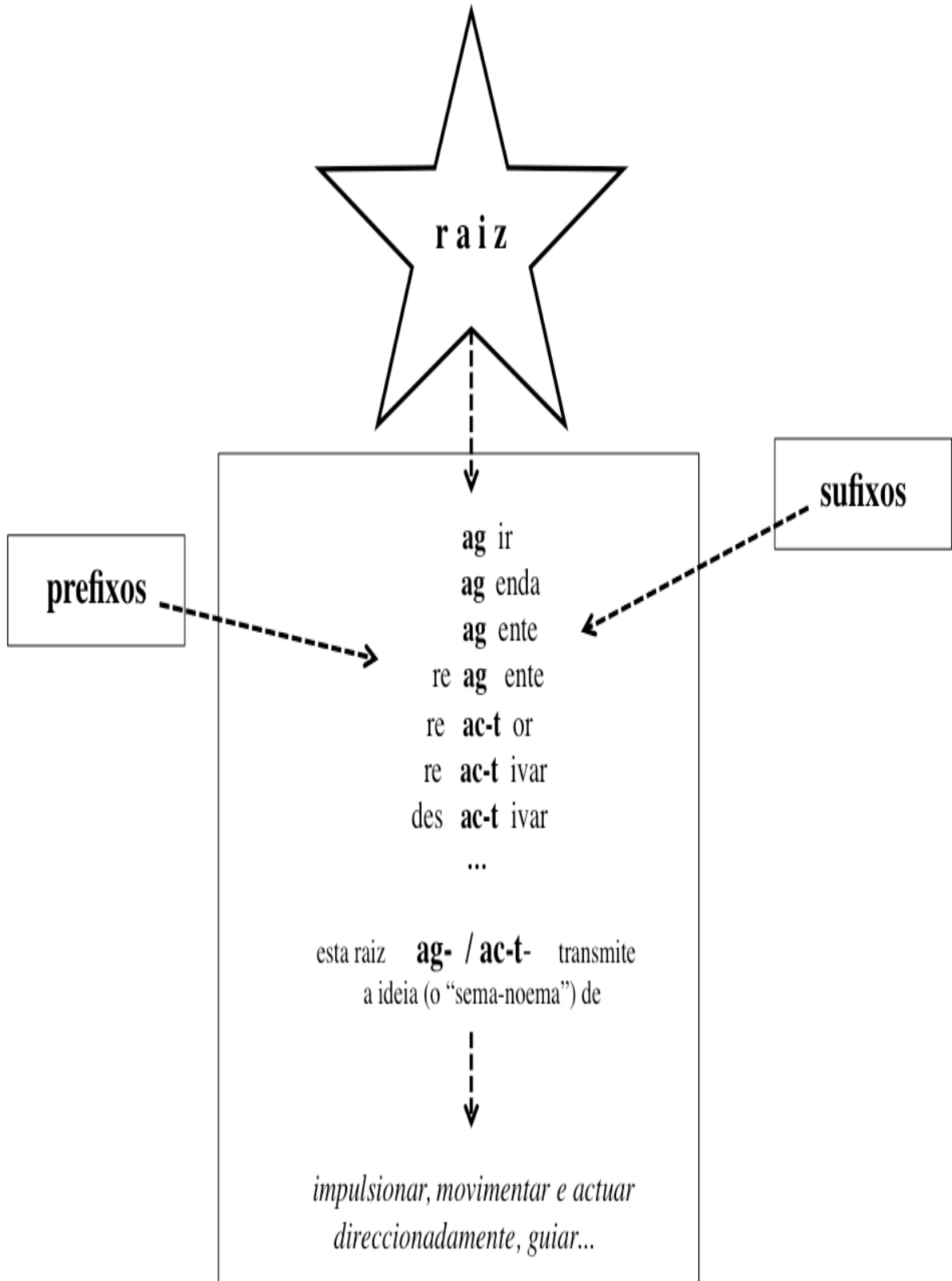
(preservação do «c» e do «p» genealógicos das sequências grafêmicas «ct» / «pt»):

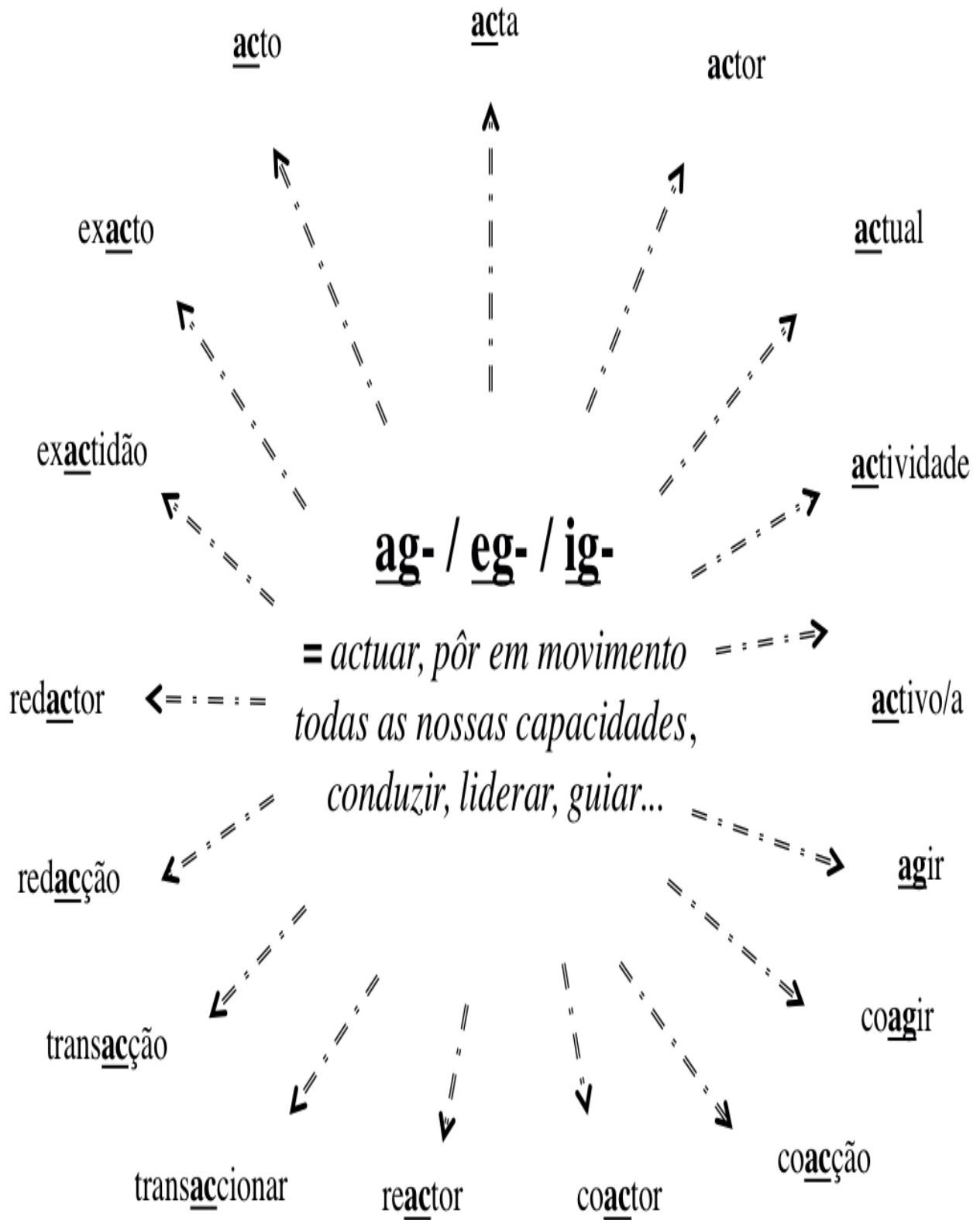
act, activity, actual, actuality, adopt, adoption, affect, bisector, bisectrix, collection, collective, collector, contractor, didactic, direct, direction, director, Egypt, Egyptian, exact, except, factor, infect, infection, injection, injector, inspection, inspector, optic, optimism, protector, reactor, rectal, rectangular, rectify, redactor, respective, sector / trisector / trisectrix, spectacle, spectator, spectre, traction, tractor, vector, vectorial...

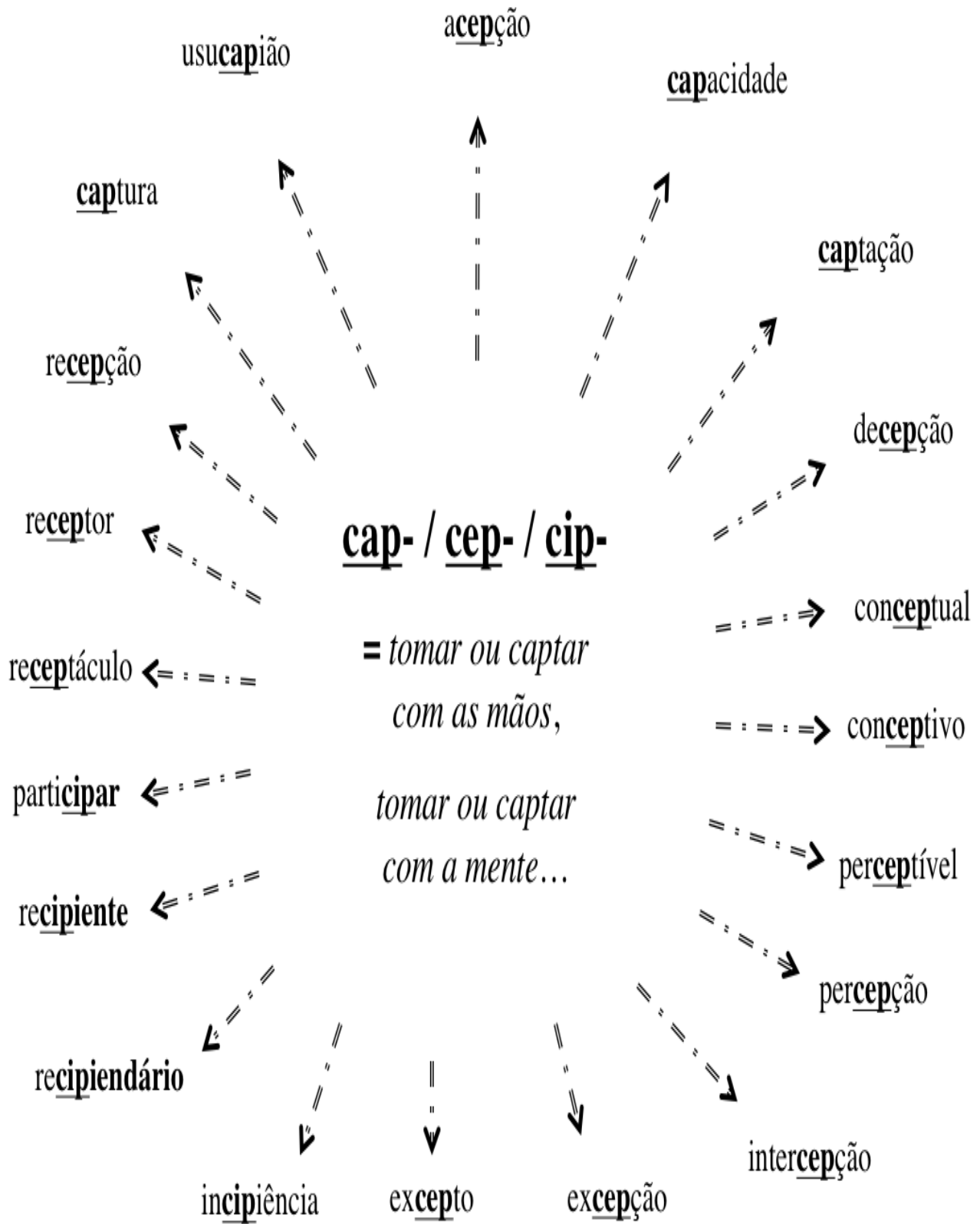
Português (a partir de 1990)

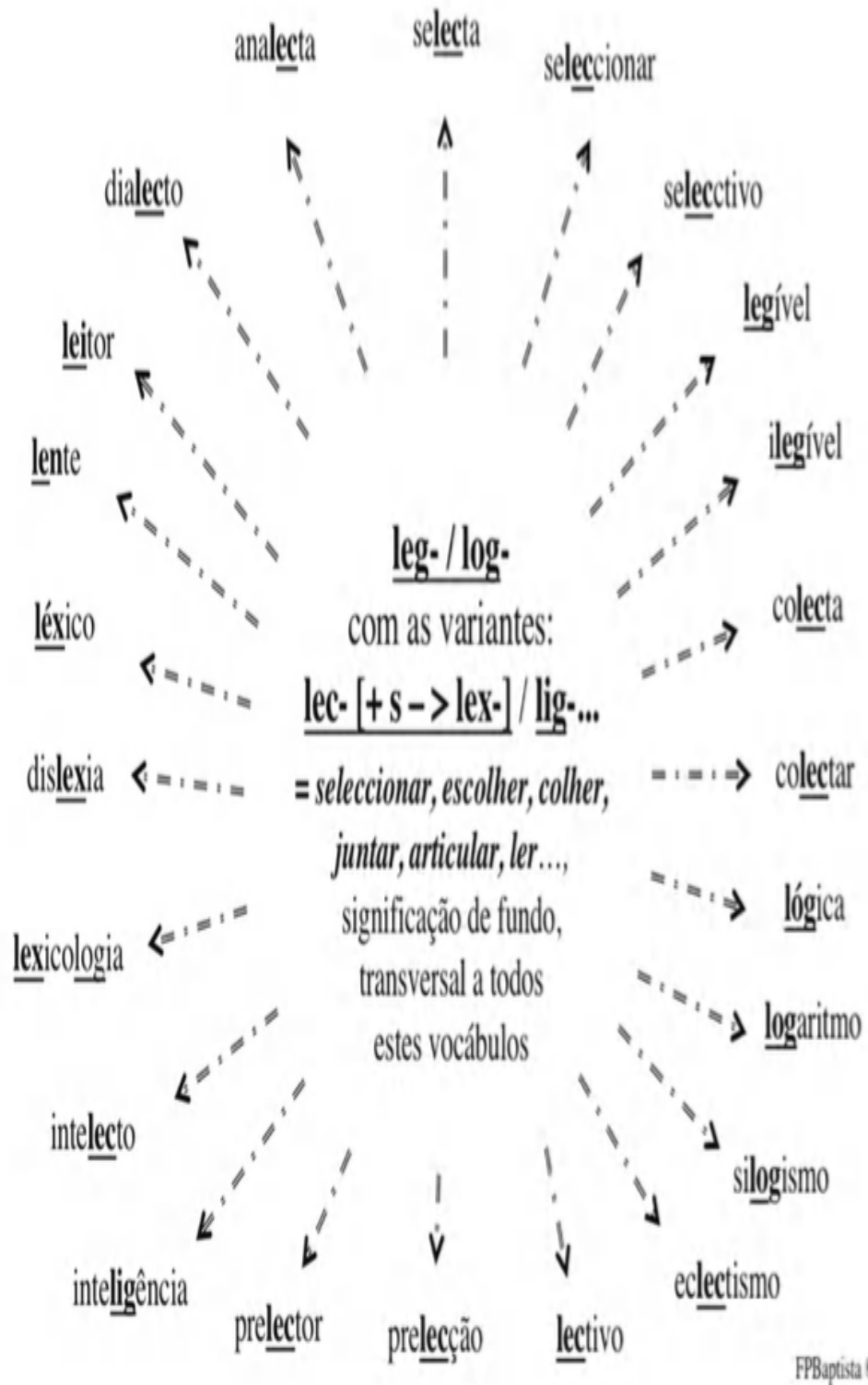
(supressão do «c» e do «p» genealógicos das sequências grafêmicas «ct» / «pt»):

ato, atividade, atual, atualidade, adotar, adoção, afeto, bissetor, bissetriz, coleção, coletivo, coletor, contrator, didático, direto, direção, diretor, Egito, egípcio, egípciano, egípcio, exato, exceto, fator, infetar, infecção, injeção, injetor, inspeção, inspetor, ótico, otimismo, protetor, reator, retal, retangular, retificar, redator, respetivo, setor / trissecção / trissector / trissectriz, espetáculo, espetador, espetro, tração, trator, vetor, vetorial...



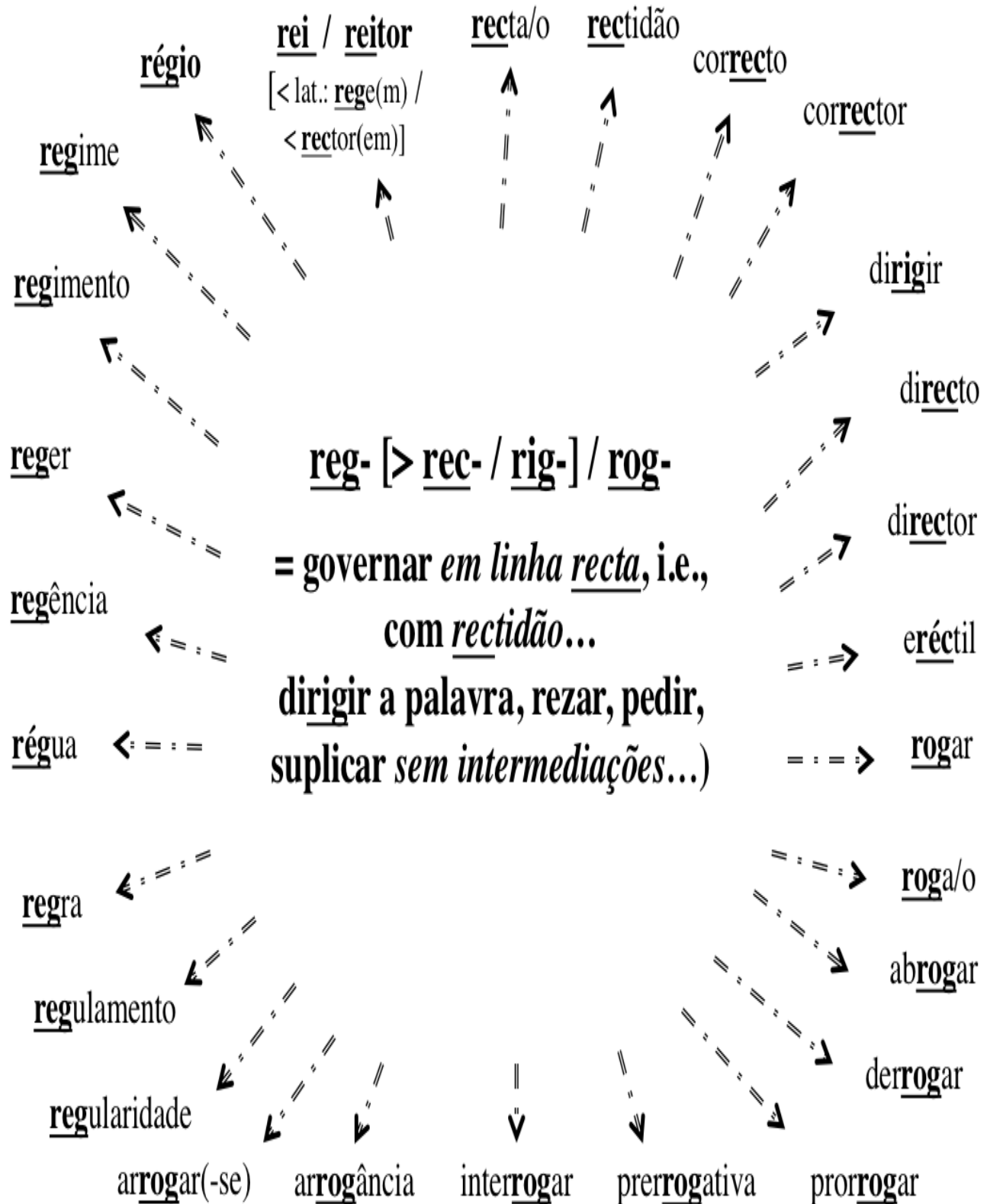


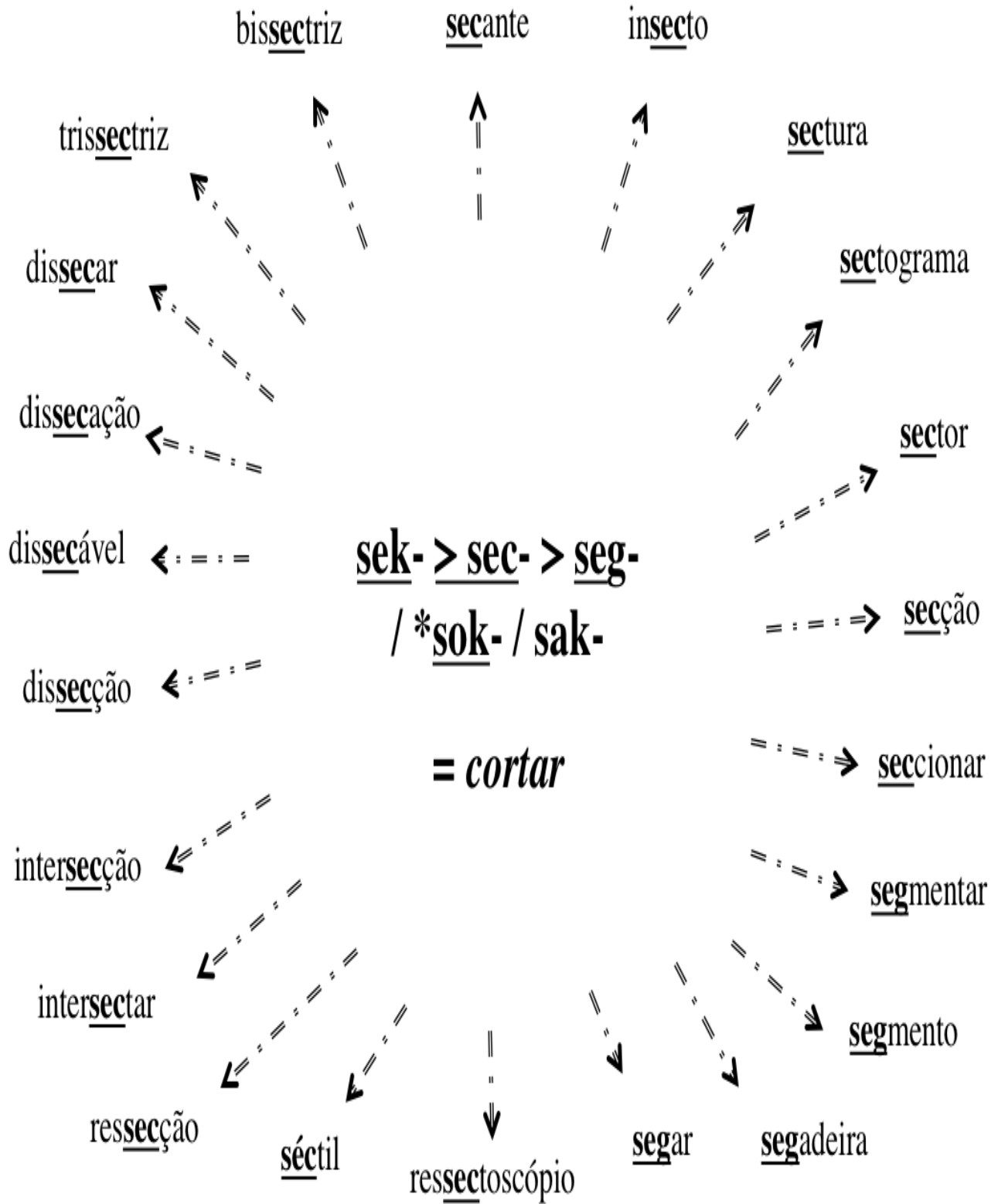




FPBaptista ©

Francisco Paulo Baptista





François Paul Barbé

expectante expectar
expectativa expectatório

frontispício conspício
perspicaz

retrospecção retrospectiva
 retrospectivo retrospector

espectador
espectáculo
espectacular

especulação
especulador
especular
especulativo
espéculo

spec- / spic- / spoc-
scep- / scop-
 =

inspeccionar
inspeccção
inspecctor

aspecto
aspectual

observar atentamente

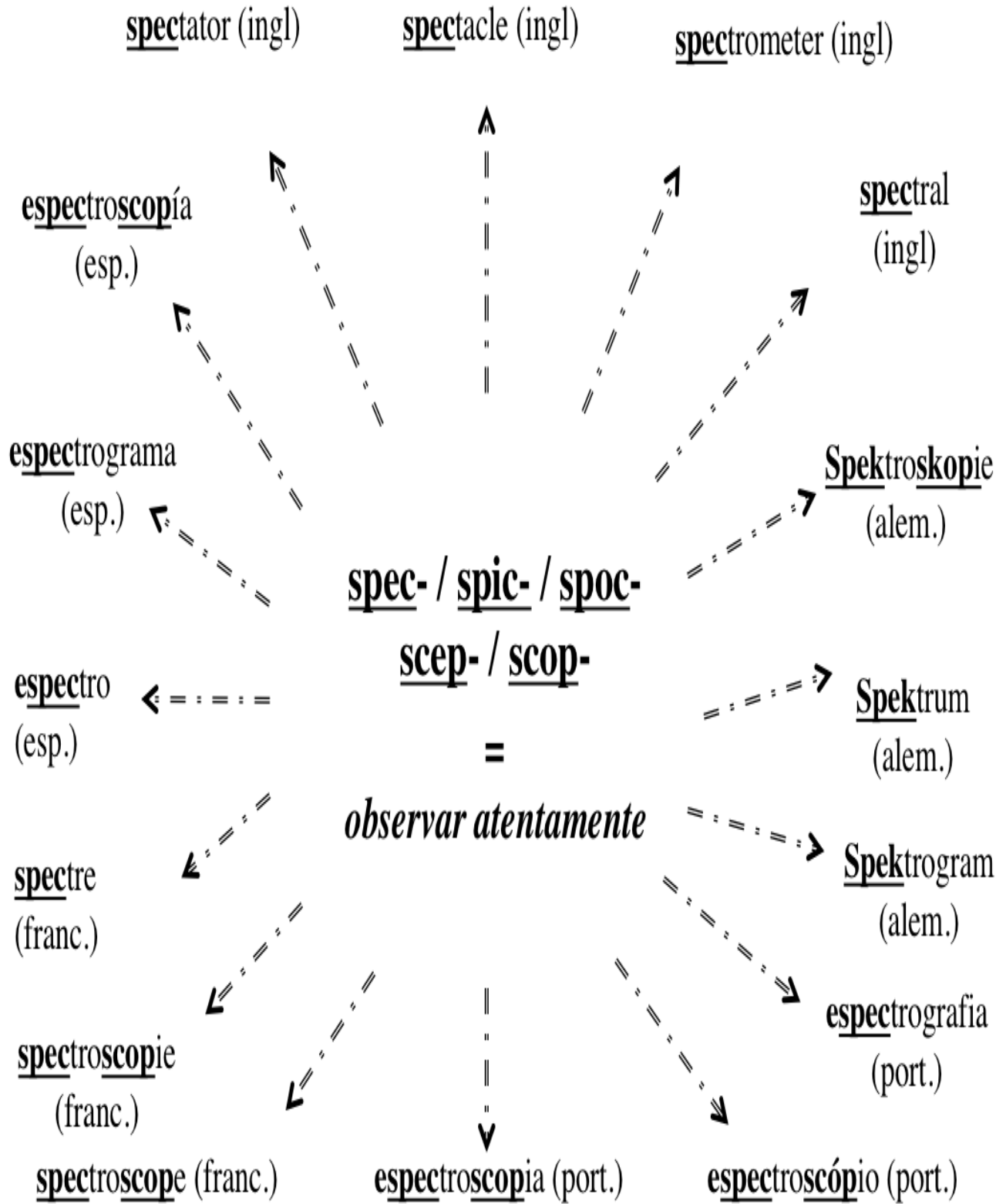
escopo

circunspecção
 circunspecto
conspecto

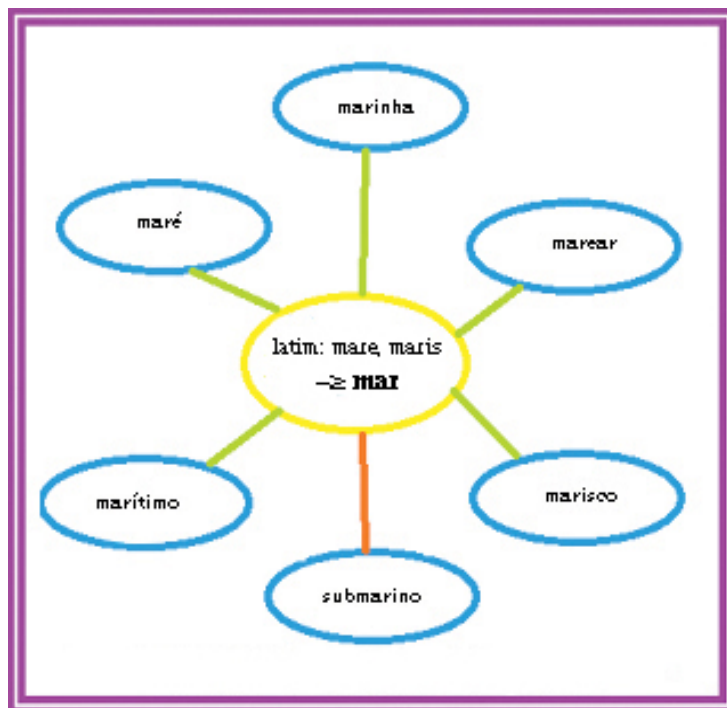
[s]céptico

especial especialidade especiaria
espécie especificar específico
espécime especiosidade especioso

prospecto prospector respectivo
prospecção prospectar prospectivo
introspecção introspectivo introspectividade



Respeito pelas “matrizes lexicogénicas” e pelas “famílias léxicas”



(adaptação, mantendo a “moldura” de um “diagrama” para o espanhol:
cf. <http://manualidades.photos/ejemplosorg/uploads/2015/02/familias-lexicas.png>)

Questionamento suscitado pela ponderação da série de diagramas apresentados

Após adequada ponderação da série de diagramas acabados de apresentar e direccionados para uma “didáctica do vocabulário” a ser desenvolvida com base na *inteligência* e sustentada na *racionalidade* morfo-semântica, metodologicamente fundada na “*análise morfémica*” (também dita “*morfo-análise*”)

Fernando Paulo Barbosa

e na *articulação* “genealógica” dos lexemas pertencentes à mesma “família etimológico-lexical”, cabe desencadear o seguinte questionamento suscitado pela supressão dos “*grafemas genealógicos*” em causa («c» / «p», entre outros...):

a) A supressão desses “*grafemas genealógicos*” faculta, ou obstaculiza, a aplicação deste método universalmente consagrado pelos melhores especialistas em “Didáctica do Vocabulário”?...

b) Do ponto de vista pedagógico-didático (e entra aqui em jogo, de modo implicado, todo o “*Sistema Educativo e Fomativo*”...), que outro o método mais eficaz e produtivo se pode propor como alternativa ao da “*morfo-análise*” e da “*constituição sistémica e organizada de famílias léxicas*”?...

c) No âmbito dessa constituição sistémica e organizada de “famílias léxicas” (ou “família de palavras”), considerem-se, por exemplo, os seguintes quatro conjuntos de lexemas pertencentes à mesma família:

Conjunto A: {«agir», «agilidade», «agente», «ato», «auto», «aito», «atuar», «atual», «ativo», «reagir», «reação»... };

Conjunto B: {«afazer», «afeito», «afeto», «afetivo», «desfazer», «desfeito», «fac-símile», «facticidade», «fático», «factitivo», «factível», «facto», «factoto / factótum», «factual», «fator», «fatorial», «fatura», «faturar», «fatorizar», «faturação», «fazer», «feito», «feitio», «feitor», «infeção», «infecioso», «perfazer», «perfeito», «perfetivo»...};

Conjunto C: {«acolher», «coleção», «coleccionador», «coleta», «coletânea», «colega», «colegiada», «colegial», «colégio», «colheita», «coligação», «coligar», «coligir», «dialética», «dialecto», «eleitor», «elegante», «legenda», «lenda», «lectivo», «leitor», «leitura», «predileto», «preleção», «preleccionar», «prelector», «recolher», «selecção», «seleccionar», «seleccionador», «selectivo», «selector»...}¹...

Conjunto D (elaborado em intencional contraposição ortográfica ao anterior Conjunto C, através da aplicação do “Acordo Ortográfico de 1945”): {«acolher», «colecção», «coleccionador», «colecta», «colectânea», «colega», «colegiada», «colegial», «colégio», «colheita», «coligação», «coligar», «coligir», «dialéctica», «dialecto», «eleitor», «elegante», «legenda», «lenda», «lectivo», «leitor», «leitura», «predilecto», «prelecção», «preleccionar», «prelector», «recolher», «selecção», «seleccionar», «seleccionador», «selectivo», «selector»...}

1) Como justificar, à luz do “AO de 1990”, a “*com-presença*”, no interior do mesmo conjunto, de lexemas como os que, em cada um deles, estão inventariados e elencados?...

2) Como explicar, com coerência genealógico-filológica, científico-linguística e lexicológica, o fenómeno da vocalização expressa pelos grafemas «i» e «u», por exemplo, em lexemas como «auto», «aito», «afeito», «colheita», «defeito», «desfeito», «feitio», «leitor», «perfeito»? E, por outro lado, o «i» de «coligir», de «dileto» e «diligente», se não invocarmos, para o efeito, a raiz «lĕg- / lĭg- » do

¹ Cf. Segura, Santiago Munguía: *Diccionario por Raíces del Latín y de las voces derivadas*, Bilbao, Universidad de Deusto, 2006, entrada «lĕgō, -ĕre, lĕgi, lectum» (cf. o grego λέγω), pp. 366-369.

étimo, portadora do “sema” fundacional e transversal à respectiva “família”: «*escolher... colher... recolher... juntar... ler...*»?...

3) Faz qualquer sentido suprimir grafemas com base nos argumentos de que «não se pronunciam» e de que importa «simplificar» e «facilitar»?... Então, se assim é, por que é que, em coerência com tais argumentos, não é suprimido o «h» inicial dos mais de mil e oitocentos (1.800) lexemas inventariados nos dicionários, desde «hábil» até «húmus»?...

4) Do mesmo modo, e em nome da “coerência sistémica”, que motivo impede, então, que também não seja suprimido o grafema «u» de palavras como «aguerrido», «ataque», «batuque», «burguês», «choque», «dengue», «estanque», «guerra», «guia», «quente», «sangue», «tanque», etc., etc. ?...

5) Sabemos que, em Inglês, existem as assim chamadas “*silent letters*”: elas não se pronunciam, mas escrevem-se! Vejam-se, a propósito, os seguintes exemplos:

acquire, acquit, aisle, alight, align, answer, artistically, asthma, autumn, ballet, black, blackguard, bourgeois, business, butter, calf, calm, castle, catalogue, chalk, chimney, choir, climb, colleague, colonel, column, comb, condemn, corps, coup, crumb, damn, debris, debt, dialogue, diaphragm, doubt, exhaust, finger, folk, fracas, garden, ghost, gnash, gnaw, gourmet, guard, guess, guest, guide, guilt, guitar, half, halfpenny, handkerchief, heir, here, high, hour, hymn, island, isle, khaki, knead, knell, knickers, knife, knight, knock, knot, know, knowledge, light, listen, mnemonic, muscle, myrrh, numb, opossum, plumb, pneumonia, psalm, psychology, ptomaine, rapport, receipt, reign, ricochet, salmon, scissors, soften, solemn, subtle, sword, talk, thistle, though, thumb, thyme, tomb, tongue, two, victual, viscount, whole, whore, wrist, writ, write, yolk...

6) Por outro lado e como é também sabido, OS TRÊS “SISTEMAS ORTOGRÁFICOS” EUROPEUS MAIS “CONSERVADORES” E MAIS “ESTABILIZADOS” (todos eles de matriz etimológica...) são o INGLÊS, o FRANCÊS e o ALEMÃO (que até mantêm o «ph», o «th» e o «y»)... Será que estes três “códigos ortográficos” têm impedido a “evolução” das respectivas línguas ou têm dificultado a sua aprendizagem, quer por parte das crianças, quer por parte dos adultos?...

Neste contexto, cabe ainda perguntar: poderá ou deverá UMA INSTITUIÇÃO DE NATUREZA CIENTÍFICO-CULTURAL que se denomina, *identitariamente*, de “ACADEMIA DAS CIÊNCIAS” subscrever este tipo de argumentação, meramente “*retoricista*” e, assim, tão acrítica e tão desprovida de rigor científico?...

Na verdade, que consistência tem o argumento esgrimido pelos autores e apoiantes do “AO de 1990” para justificarem as actuais alterações verificadas na “ortografia” (nomeadamente a supressão das por eles erroneamente denominadas “consoantes mudas”, a pretexto de que não se pronunciam...), argumento, segundo o qual, «*as línguas são seres vivos que evoluem*» ?!... Até parece que os “dinamismos intrínsecos” ao fenómeno da “evolução”² e da “antropogénese” são regulamentáveis por um qualquer *politiqueiro* “decreto” !!!...

² Cf. o meu *Por Amor à Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições Piaget, 2016, pp. 67-68.

PROPOSTA

para a superação do actual “estado-de-coisas”

1. PRESSUPOSTOS

α) Unificar é *integrar*, é *incluir*, holística e sistemicamente, dentro das *fronteiras paradigmáticas* e dos *potenciais semiogénicos* de um mesmo “diassistema” linguístico — no nosso caso, a Língua Portuguesa —, *todas as diferenças, todas as variedades e todas as singularidades*. Parafraseando Pessoa, unir, unificar «*é ser plural como o universo*». *Unificar* não é nem pode ser, portanto, *excluir* a diversidade com as suas “diferenças” histórico-culturais, para “uniformizar”, para “fardar” tudo com o mesmo “uniforme” manifestativo-expressional...

Ex.: no mesmo *Thesaurus*, global e comum, da Planetária Língua Portuguesa — Património Mundial da Humanidade —, têm o mesmo direito a ser inventariadas e a vigorar com a mesma dignidade nas respectivas *entradas* ou *lemas*, tanto o “*crioulo*” lexema “*sodade*” da soluçante e maviosa morna cabo-verdiana, como a antiquíssima “*saudade*” dos cancioneiros trovadorescos, tanto os “eruditos” “*capítulo*” e “*litania*”, como os “populares” “*cabido*”, “*ladainha*” e “*latumia*”...

β) Uma língua, como a Língua Portuguesa, implantada em todos os continentes, em todas as latitudes e longitudes do Planeta, tem a potenciar os seus diferentes modos de comunicação oral e escrita, a sua “OMNIPRESENÇA” em todos os sectores da fenomenologia dos “*realia*” (*referentes empíricos e referentes ficcionais / pseudo-referentes*) do universo cosmológico e do universo antropológico, tudo de par com a sua “OMNIPOTÊNCIA SEMIÓTICA”, configuradora do fascinante “*dom da palavra*».

γ) Os diferentes modos de expressão lexical, oral ou escrita, não se impõem por decreto, nem de modo autotitário: exercitam-se numa saudável dialogia educativo-formativa, tendo em conta não só os contextos situacionais, institucionais e comunicacionais (mais formais uns, mais informais e mais espontâneos outros...) mas também os **conteúdos sapienciais** (mais rigorosos nuns casos, menos rigorosos noutros...) das mensagens a transmitir; essa diferenciação deve ser “objecto” de adequadas orientações, recomendações ou sugestões...

δ) Não há “*actividade escrita*” nem “*comunicação escrita*” fora das fronteiras “*grafémico-expressionais*” de um “*código ortográfico*” (cf., *supra*, o diagrama do “diassistema linguístico”).

Fernando Paulo Barbosa

2. QUESTÃO DEVERAS CRUCIAL, À QUAL É IMPERIOSO DAR UMA RESPOSTA

CIENTÍFICO-PEDAGOGICAMENTE CONDIGNA...

ε) NÃO É POSSÍVEL UMA “LEXICODIDÁTICA” INTELIGENTE, RACIONALMENTE FUNDAMENTADA E, POR ISSO MESMO, NOÉTICO-NOEMATICAMENTE ESTRUTURADA E CONSISTENTE E, DESSE MODO, PERDURAVELMENTE MEMORIZÁVEL, SEM O RECURSO AO PROCESSO METODOLÓGICO DA DECOMPOSIÇÃO “ANATÓMICO-SEMIÓSICA E FUNCIONAL” DA ESTRUTURA SIGNIFICANTE DE CADA LEXEMA OU DE CADA LEXIA NOS SEUS ELEMENTOS FORMATIVOS (*prefixos, raiz e sufixos*), DANDO DESTACADA RELEVÂNCIA À «RAIZ» («RADICAL»), PERSPECTIVADA E ENTENDIDA COMO NUCLEAR, INCINDÍVEL E IRREDUTÍVEL CONSTITUINTE MORFO-SEMÂNTICO DO CORPO ESTRUTURAL DE UM DADO CONJUNTO DE PALAVRAS DA MESMA “FAMÍLIA LÉXICA”.

Depois dessa decomposição, se quisermos consolidar a “geratriz” morfo-semântica que lhes é comum, é importante *recorrer à listagem dos vocábulos da mesma família e organizá-los, não só de modo radicado, reticulado e constelado mas também “em pódio” e “em pirâmide”*, para efeitos de fazer ressaltar a relevância expressiva no âmbito da tessitura da mensagem, tanto nos *actos de escrita* como nos *actos de leitura*...

Desse modo, a *Didáctica do Vocabulário* – a *Lexicodidáctica* – promove, reforçadamente, uma aprendizagem das formas significantes mais rigorosas e dos respectivos *conteúdos eidético-conceptuais e noemático-semiósicos* que estão em causa, de um modo particularmente crucial, nas TERMINOLOGIAS ESPECIALIZADAS E NO LÉXICO ERUDITO, mas promove-a, de modo inteligente e racional, e não apenas através da simples memorização desprovida de qualquer esteio de racionalidade iluminante...

Por outro lado, se este tipo de exercício for feito gradualisticamente («*step by step*»), ao longo de toda a escolaridade (desde o ensino básico até ao ensino universitário inclusive...), acabaremos por compreender e reconhecer melhor, nomeadamente com o inestimável e “obrigatoriamente” reiterável contributo reflexivo do grande linguista M. A. K. Halliday, o seguinte:

i) «foi a linguagem científica que construiu para nós o vasto edifício teórico do conhecimento moderno» («*scientific language has construed for us the vast theoretical edifice of modern knowledge*»);

ii) «a linguagem da ciência é, por sua natureza, uma linguagem na qual as teorias são construídas; as suas características especiais são exactamente aquelas que tornam possível o discurso teórico» («*the language of science is, by its nature, a language in which theories are constructed; its special features are exactly those which make theoretical discourse possible*»);

iii) «o discurso científico é uma forma da mais alta energia semiótica» («*scientific discourse is a very high-energy form*») proporcionada pelo diassistema linguístico;

Fernando Paulo Barbosa

iv) «a energia semiótica do diassistema linguístico irrompe da lexicogramática» (*«the semiotic energy of the system comes from the lexicogrammar»*) e, portanto, «todo o discurso é, por assim dizer, potenciado pela energia lexicogramatical» (*«all discourse is powered by grammatical energy, so to speak»*³);

v) é na lexicogramática (e mais focadamente no léxico...) que reside «o coração da linguagem» (*«the heart of language»*) e «a fonte da sua energia semiótica» (*«the source of its semiotic energy»*), constituindo, assim, «a casa do poder semiogénico de uma língua» (*«the semogenic powerhouse of a language»*⁴), PODER QUE TRANSFORMA O LÉXICO NO “CENTRO NEVRÁLGICO” DA CONSTRUÇÃO DE TODAS AS SIGNIFICAÇÕES E DE TODOS OS SENTIDOS, numa palavra, de todo o conhecimento, uma vez que *é ele o insubstituível codificador, ordenador, sistematizador e informante noético-noemático e semiósico e, assim, o imprescindível sustentáculo operatório da acção verbo- comunicativa expressante e interpretante;*

vi) «os termos técnicos são uma parte essencial da linguagem científica; sem eles, seria impossível criar um discurso do conhecimento organizado» (*«technical terms are an essential part of scientific language; it would be impossible to create a discourse of organized knowledge without them»*⁵);

vii) «ser alfabetizado em ciência significa ser capaz de compreender a linguagem técnica que está a ser usada» (*«to be literate in science means to be able to understand the technical language that is used»*⁶, capacidade que não pode deixar de ser desenvolvida, de modo articulado e integrado, no quadro estratégico e programático dos objectivos educacionais e formativos de um “Projecto Antropo-Paidêutico”, promotor da Cidadania e que, em coerência, perspetive a “literacia” humanístico-cultural, artística, científica e tecnológica como “a pedra angular” que potencia uma intervenção consciente e responsável na transformação qualitativa da vida em comunidade;

viii) «uma compreensão das raízes das palavras (...) ajuda-nos a todos a dominar quer os termos científicos quer os não-científicos e a tornarmo-nos mais proficientes no uso da linguagem» (*«an understanding of the roots (...) helps us all master both scientific and nonscientific terms and become more proficient in the use of language»*⁷...) e isso é tanto mais importante quanto é certo que a construção pessoal do conhecimento é concebida como um processo eminentemente social, sendo que uma das suas manifestações mais relevantes é, indubitavelmente, a acção modeladora e estruturomorfa que cabe às línguas, de tal modo que aprender Ciência é, antes de mais (como reiteradamente já vem sendo dito...) aprender o vocabulário científico, na medida em que há hoje, mais do que nunca, uma crescente consciência quanto ao papel que a sociedade desempenha, ao destacar e valorar, ao mais alto nível, o significado dos conceitos científicos, através dos meios de comunicação de massas e das novas tecnologias da informação⁸;

³ Cf. M. A. K. Halliday: *The Language of Science*, London/NewYork, Continuum, 2004, pp. 182, 207, 182, 54, 182.

⁴ Cf. M. A. K. Halliday: *On Language and Linguistics*, London / New York, Continuum, 2003, pp. 194, 276, 248.

⁵ Cf. M. A. K. Halliday: *The Language of Science*, London / New York, Continuum, 2004, p. 201.

⁶ Cf. M.A.K. Halliday and J.R. Martin: *Writing Science*, London / Washington, The Falmer Press, 1993, p. 168.

⁷ Cf. Norman Herr: *Sourcebook for Teaching Science*, San Francisco / California / USA, Jossey – Bass, 2008, pp. 3-4.

⁸ Cf. Francisco Javier Perales Palacios: «Didáctica de las Ciencias Experimentales», *apud* Luis Rico Romero e Daniel Madrid Fernández (eds.): *Fundamentos didácticos de las áreas curriculares*, Madrid, Editorial Síntesis, 2000, p. 28.

ix) em suma (e como já ficou sobejamente sublinhado): «aprender ciência é, no fundo, aprender a linguagem científica» («*learning science is the same thing as learning the language of science*»⁹), pelo que tem pleno cabimento evocar aqui (uma vez mais em plena sintonia...) o sugestivo título que a famosa especialista em “Linguagem Científica”, Bertha M. Gutiérrez Rodilla, Professora Catedrática da Faculdade de Medicina da Universidade de Salamanca, escolheu para nomear a sua substancial e alumiante obra «*La ciencia empieza en la palabra*»¹⁰.

Mas, sem a assunção prévia de que cada palavra é, em si própria, um búzio polifónico, espiral e verticalmente carregado de fundura histórica, de mistério e de potencial semiogénico, muito dificilmente se evitará a marginalização ou postergação do estudo “arqueológico”, filológico-etimológico e genético-genealógico, hermeneuticamente imprescindível no quadro analítico-interpretativo e compreensivo das complexas interações «*texto <> contexto(s)*», «*paradigma <> sintagma*», «*sistema <> processo*», «*comunicação escrita <> ortografia*»...

Fica, desse modo, gravemente comprometida, com as consequências sofo-epistémicas de toda a ordem, a ἐρμηνεύσις [*hermêneusis*] dos fluxos semiósicos que irrompem, entre *catábase* e *anábase*, da fundura diacrónico-vertical e infra-estruturante do léxico mais denso, mais rigoroso e mais expressivo, inseminado e disseminado na textura erudita dos textos escritos em que se tem vindo a modelizar, a plasmar e a configurar semiósico-dircursivamente, pelas mãos da genialidade criadora dos nossos escritores, pensadores, académicos, cientistas e investigadores, o “Legado Perene da Grande Cultura Poético-Literária e Sofo-Científica” (*l.s.*), referência irrasurável da nossa “identidade” pessoal e comunitária...¹¹

Sem prejuízo das indispensáveis medidas correctoras das *incongruências* que se verificam, nomeadamente, ao nível da *hifenização*, da *acentuação* e do uso de “*maiúsculas*”¹²,

PROPONHO:

a) A revogação imediata da *grafemo-clasta* e *iliterácico-génica* Base IV do “AO de 1990” e, com ela, a do cientificamente tão anómalo, tão caotizante e tão anti-pedagógico documento denominado “Acordo Ortográfico de 1990”, com todos os “suplementos” *modificativos* que se lhe foram juntando...

b) A reintrodução do estudo obrigatório do *Grego* e do *Latim* (reforçado com o contributo da *Linguística Indo-Europeia*) na estrutura curricular global do Sistema Educativo e Formativo, designadamente nos planos de formação de Professores de Português.

⁹ Cf. M.A.K. Halliday: *The Language of Science*, op. cit., p. 138.

¹⁰ Cf. Bertha María Gutiérrez Rodilla: *La ciencia empieza en la palabra – Análisis e historia del lenguaje científico*, Barcelona, Ediciones Península, 1998.

¹¹ Cf. Fernando Paulo Baptista: *Por Amor à Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições Piaget, 2016, pp. 165-168.

¹² Cf. Idem: *ibidem*, pp. 68 ss. Para solucionar este tipo de “incongruências”, é muito importante e útil o laborioso levantamento levado a cabo pela Académica Ana Salgado.

Fernando Paulo Baptista

c) A elaboração da “CONSTITUIÇÃO ORTOGRÁFICA DA REPÚBLICA DAS LETRAS DE TODOS OS POVOS E PAÍSES DA CPLP E DA DIÁSPORA LUSÍADA NO MUNDO”¹³, a ser levada a cabo, com o indispensável rigor científico-pedagógico, por uma vasta, representativa, qualificada e multidisciplinar “Comissão Académica de Especialistas”. Essa “Constituição” consubstanciará uma superadora alternativa à tão acriticamente proclamada “unificação da ortografia”, com base no critério “*fono-orali-cêntrico*” da “pronúncia”. Caber lembrar que foi esse o critério que inspirou o actual “regulamento ortográfico” de 1990 que reproduz, no essencial, o “fono-cêntrico” e cientificamente incongruente *Formulário Ortográfico* de 1943 (repristinado pelo Presidente João Café Filho, através do decreto-lei n.º 2.623, de 21.10.1955, revogador do “AO de 1945”), consubstanciando desse modo, sobretudo no que diz respeito ao “léxico”, como o demonstrei empiricamente através da análise lexicológica de edições brasileiras anteriores a 1990, uma anacrónica e retrógrada decisão política.

d) A concretização de tão nobre desígnio e estratégico “projecto” da elaboração da “Constituição Ortográfica da República das Letras”, dignificador da “escrituralidade” lusíada à escala planetária implica que se proceda, de modo inclusor, sistémico e holístico, à *inventariação, integração e dicionarização* (unitiva e o mais exaustiva possível...) não só do “legado” lexical, histórico-diacrónico e genealógico-identitário, proveniente da “*Romanitas*” e de outras irrasuráveis “matrizes” civilizacionais e culturais, mas também do irrecusável “património” linguístico-lexical constitutivo dos idiomas, falares e crioulos nativos de todos os Povos e Países da CPLP, bem como dos neologismos e de outros “termos” importados, contemplando sempre (*multilectalmente, multivarietalmente...*), as variedades e variações lexicais, *dialectais* ou *diatópicas* (locais, regionais), *sociolectais* ou *diastráticas* (sofo-epistemolectos, tecnolectos, calão / gíria / jargão...) e *idiolectais* ou *diafásicas* (estas últimas, com a pluralidade de *registos* [ou *estilos*] discursivo-expressionais, desde os mais formais, elaborados e cuidados até aos mais informais, familiares e descuidados...).

e) Em consonância com essa fundacional e identitária “Magna Carta Constitucional” reguladora da expressão grafémica da “comunicação escrita” em Português, importa elaborar também, e imprescritivelmente, as seguintes componentes nucleares que fazem parte da estrutura desse “Projecto”:

1.º – um *thesaurus* ortográfico global, inclusor dos seus dois inventários constitutivos:

a) o inventário “infinito” das “*content / lexical words*” (abarcando todas as variedades lexicais, *populares* e *eruditas*, de todos Povos da CPLP e da Diáspora);

b) o inventário “finito” das “*function / structure words*” (registando todos os *functores gramaticais*)¹⁴;

2.º – dois “cânones”, a serem estabelecidos como fundamento do “padrão”, “standard” ou “norma” de referência para toda a comunicação verbal, oral e escrita:

a) – um “cânone” para a comunicação escrita, contemplando os “modelos” (com os seus

¹³ Documento fundacional e identitário, a ser elaborado, com o indispensável rigor filológico-genealógico, científico-linguístico e pedagógico-didáctico, por uma vasta, representativa, qualificada e multidisciplinar “Comissão Académica de Especialistas”, representativos de toda a CPLP e da Diáspora.

¹⁴ Cf. Hadumod Bussman (dir.): *Routledge Dictionary of Language and Linguistics*, London and New York, Routledge, 2006, nas entradas respectivas.

“autores” paradigmáticos...) e as “modalidades genológicas” com as correspondentes “antologias” *multi-discursivas*, a serem seleccionadas e organizadas com qualitativa, diversificada, “polifónica” e plural abertura e representatividade a todos os níveis;

b) – um “cânone para a comunicação oral, contemplando, analogamente e com os mesmos critérios, os respectivos “modelos”, “modalidades”, “antologias” e “actores”;

3.º – um *thesaurus ortoépico* global, elaborado segundo critérios homólogos dos do já acima proposto *thesaurus ortográfico*;

4.º – uma *gramática universal* da Língua Portuguesa, a ser tomada como “matriz” das concretas *gramáticas pedagógicas* (psico-sócio-didacticamente gradualizadas...) de cada sistema educativo;

5.º – um vasto e diversificado “Projecto Editorial” nas áreas da *Lexicologia*, da *Lexicografia*, da *Dicionarística*, da *Gramática* e da *Léxico-Didáctica: thesauri*, léxicons (l.s.), dicionários etimológicos, históricos, temáticos, pedagógicos, científicos, técnicos; manuais, gramáticas, prontuários, etc...

4. Suporte bibliográfico mais alargado

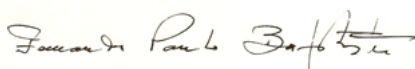
Cf. Fernando Paulo Baptista: *Por Amor à Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições Piaget, 2016, com mais de uma centena de títulos aí referenciados (cf. pp. 235-240).

AGRADECIMENTO FINAL

Sinto o dever de agradecer, penhoradamente, a todos os Estimados Confrades Académicos da ACL se dignem EXERCER, com o maior rigor epistemológico possível, O SEU “CONTRADITÓRIO” CRÍTICO-CIENTÍFICO A ESTE MEU DOCUMENTO, NOS PLANOS SÓFICO-CIENTÍFICO, FILOLÓGICO-LINGUÍSTICO E PEDAGÓGICO-DIDÁCTICO. Se ele estiver errado, só me resta a humildade intelectual de aceitar as críticas e corrigi-lo em conformidade.

A todos, portanto, o meu bem-haja antecipado, «*Por Amor à Língua Portuguesa*»...

Lisboa e ACL. 26 de Janeiro de 2017.



Fernando Paulo Baptista

